

O ESPAÇO FÍSICO DA OPINIÃO PÚBLICA: NOTAS SOBRE JORNALISMO E ARQUITETURA

THE PHYSICAL SPACE OF THE PUBLIC OPINION: NOTES ON
JOURNALISM AND ARCHITECTURE

Bento Itamar Borges*

recebido: 09/2012

aprovado: 10/2012

Resumo: Ao comemorarmos os cinquenta anos de publicação de *Mudança estrutural da esfera pública* (1962), reunimos neste artigo alguns argumentos que podem ajudar a explicar seu sucesso editorial, bem como o papel de fio condutor que a categoria “esfera pública” viria a ter para a obra posterior de seu autor, Jürgen Habermas. Em seguida, são feitas considerações sobre a história do jornalismo na sociedade brasileira dos séculos XIX e XX, além de dedicarmos uma seção para acompanhar a apropriação do conceito “esfera pública” (ou espaço público) nos campos da comunicação e da arquitetura. Por fim, em torno de experiências de intervenções urbanas anticapitalistas e com base na obra dos teóricos críticos Oskar Negt e Alexander

* *Doutorado em Filosofia pela UFMG e Pós-Doutorado em Filosofia pela PUC-RS. Professor da Universidade Federal de Uberlândia. m@il:bentoib@gmail.com*

Kluge, proporemos um retorno ao componente físico, a vida no ambiente urbano, com conseqüências para a participação política e a forma de governo.

Palavras-chave: Jürgen Habermas. Esfera Pública. Jornalismo. Arquitetura. Dialética do Espaço.

Abstract: In 2012 we are expected to remember and celebrate the fifty years anniversary of the book *Strukturwandel der Öffentlichkeit*. In the following paper we aim to join some arguments in order to explain the reasons of the academic and editorial success of this text, published in Germany, in 1962, and we thereby want to assume that “public sphere” is the central theme and Leitmotiv of the entire intellectual work of its author, Jürgen Habermas. We will then make some considerations about the history of journalism and public opinion in Brazil in nineteenth and twentieth centuries, and beside this we are going to examine how the concept of “public sphere” (or public space) has been accepted in different theory fields such as mass communication studies and architecture. Finally, based on some experiences and reflections on urban interventions, we would like to propose a return to the “physical space” of public sphere and, by doing that, we also bring back some original critical ideas from Oskar Negt and Alexander Kluge, concerning their research on “Öffentlichkeit” as a general concept that should also include the proletarian public sphere.

Keywords: Jürgen Habermas. Public Sphere. History of Public Opinion in Brazil. Architecture. Space Dialectics.

A academia, associada a editoras e agitadores culturais, celebra efemérides e concede títulos e prêmios a eminentes intelectuais, para os quais são escritos novos discursos de saudação, que, de novo, colocarão em movimento as gráficas e os debates. A propósito, Habermas havia dito, em entrevista, que um filósofo não poderia falar sobre si mesmo, antes dos cinquenta anos de idade. Após completar 80 anos de vida, em 2009, Habermas vê agora sua tese chegar a meio século de reedições; *Mudança estrutural da esfera pública* (HABERMAS, 1984) receberá em 2012, com certeza, homenagens do porte daquelas dedicadas ao livro *Dialética do esclarecimento* (ADORNO & HORKHEIMER, 1985). Essa obra contribuiu para a divulgação do influente conceito “indústria cultural”, ainda hoje convocado para a crítica da ideologia. Creio que podemos, então, neste paralelo inicial de nosso escrito, destacar a “esfera pública” como tema central da obra de Habermas aqui homenageada – e que talvez seja mesmo o fio condutor de todos aqueles seus textos que podem ser enquadrados como escritos políticos ou que vieram a ter conseqüências nesse campo da prática.

Nesta tentativa de contribuição, vamos inicialmente concordar com o sucesso do livro publicado em 1962, que inclui o reconhecimento da relevância da tese defendida no ano anterior. Para isso, traremos algumas evidências, tomadas ao acaso – na linha das “afinidades eletivas”, é claro. Em seguida, com apoio em Detlef Horster, um consistente biógrafo, vamos reinterpretar as fases da obra de Habermas, ou seja, as mudanças de paradigma, para conferir as modificações sofridas pelo conceito de esfera pública, no desenvolvimento de uma constelação de temas. Depois, faremos algumas críticas e complementos à tese de Habermas, com base em circunstâncias históricas e culturais diferentes daquelas da Europa, conforme recortes da tese de 1961 (publicada em 1962). Por fim, para atualizar a compreensão do conceito esfera pública, vamos nos aproximar de outras áreas para onde ele foi levado – ou onde já

estava, de forma independente – e isso também nos sugerirá relativizar a impressão corrente da “onipresença” de Habermas.

A efeméride do cinquentenário de *Mudança estrutural da esfera pública* coincide com a perspectiva de afastar-me da sala de aula e da orientação de mestrandos, prestes a aposentar-me. Pareceu-me oportuno, portanto, apresentar neste texto novas idéias e velhas conjecturas, que talvez possam ainda motivar pesquisas, para os outros, e ajudar a manter a conversa, para todos nós.

Dispensar-me de retomar aqui as demoradas explicações da origem e das traduções providenciadas para o conceito “*Öffentlichkeit*”, ao lado de “*Publizität*” e outros, pois, com certeza, serão devidamente apresentadas em outros artigos deste volume festivo da revista *Problemata*.

1. Provas e razões do sucesso e do reconhecimento do livro

a) Desde a primeira edição de *Mudança estrutural da esfera pública*, em 1962, o livro foi reeditado, em média, a cada dois anos. Ao mudar de editora,¹ em 1990, Habermas preparou um novo prefácio para a 17ª edição, cujo título se refere a esse intervalo, “30 anos depois”. E, assim como fizera no passado, embora com mais pressa, no caso de outras obras, Habermas respondeu nesse novo prefácio a diversas críticas, acumuladas e eventualmente já consideradas individualmente. Um excelente tratamento desse material é o livro de Jorge Lubenow (2012), que acompanha o desenvolvimento do tema da esfera pública, de ponta a ponta na obra do filósofo alemão. Lubenow, que coordena esta coletânea, certamente preferiria falar do *reconhecimento* do autor Habermas.

b) É curiosa a recepção dessa obra nos EUA, pois, em relação ao Brasil, por exemplo, a edição apareceu lá com um certo atraso. Todavia, o impacto parece ter sido maior naquele país – e não nos cabe aqui explicar esse fenômeno editorial e político. No Brasil, a tradução de Kothe para a editora Tempo Brasileiro saiu em 1984. No país ao norte da América, uns seis anos depois. E em 1993 era

publicada a coletânea organizada por Calhoun, cuja primeira edição norte-americana já incluía o tal prefácio da 17ª alemã. Creio que não faria muito sentido traduzir e publicar no Brasil essa coletânea datada de Calhoun; mais relevante é continuar o que vou sugerir na seção seguinte: pesquisar os desdobramentos (e os antecedentes locais) da formação e da divulgação do conceito de “esfera pública” no Brasil.

c) O irlandês Philip Pettit é uma voz crescente no debate acadêmico, ao representar uma nova defesa do republicanismo, com argumentos originais e um trunfo poderoso, por ser conselheiro do governo espanhol e ter que enfrentar a dura crise que atinge atualmente Espanha e também seu país. Embora Habermas não tenha tido, ao que parece, a chance ou o interesse de responder a críticas de Pettit e de seus seguidores, a verdade é que, da parte de Pettit, o debate começou, pois suas teorias não se encaixam muito bem no modelo democrático-discursivo de Habermasⁱⁱ e o irlandês veio disposto ao contraponto. Todavia, é muito sintomático que Habermas compareça justamente com o verbete “esfera pública” em um extenso manual de filosofia política contemporânea, organizado por Robert E. Goodin e P. Pettit (2008).

d) Permitam-me um exemplo tirado de minha carreira acadêmica. Participei de uma mesa-redonda em um congresso de ética e política, organizado pela UFG, em 1996. E apresentei, então, em Goiânia, uma crítica ideológica na linha da velha *Ideologiekritik* frankfurteana. O argumento central era: desde a tese de 1961 até sua mais substancial obra, *Direito e democracia* (1997), Habermas movimentara-se na esteira da “esfera pública”. Todavia, para provocar o debate e ater-se ao tema da mesa, minha participação sublinhou, com certa malícia, a delimitação da tese à esfera pública *burguesa*. E isso veio a ser parte do título, como o “ethos” burguês de Habermas (BORGES, 1998).

e) Detlef Horster (1999) escreveu uma excelente “introdução” à figura e à obra de Habermas. Considere-se aqui a edição em homenagem aos 70 anos de Habermas, com quem Horster diz que “aprendeu o pensamento político crítico”. O livro apresenta e comenta em ordem cronológica a obra de Habermas, em treze

capítulos, que incluem a recepção crítica e os interlocutores preferenciais. O segundo capítulo, “Discurso público como categoria básica da teoria habermasiana”, liga-se ao sétimo, “Teoria do discurso”, e ao 11º, “Teoria discursiva do direito.” Nos intervalos, demais capítulos, aparecem os caminhos abandonadosⁱⁱⁱ, as disputas com o sistemismo e o pós-modernismo. Todavia, sobressai-se desde o início em Horster a tese de 1961, aqui em apreço, escrita no momento político de uma Alemanha que saía da guerra e discutia tanto a soberania do povo, quanto um modelo legítimo de governo.

f) Meu último argumento para justificar a importância do livro de Habermas é o *estilo do texto*. Pode-se dizer que “o estilo dele é pobre”.^{iv} De fato, quem lê Habermas (em alemão, inclusive) fica cansado dos habituais períodos longos dos alemães e da aridez de uma linguagem científica, sem exemplos, sem floreios. Em *Mudança estrutural da esfera pública*, Habermas mesclou informações históricas e análise sociológica e assumiu sem maiores contrariedades as idéias de Adorno sobre indústria cultural. A transição para a era da comunicação de massas é registrada em tom ligeiramente melancólico, como decadência do ambiente da família burguesa. Arrisco a hipótese de que, nesse aspecto, Habermas teria cedido a uma projeção pessoal: não apenas por sua origem na classe média (burguesa), mas por ser um jovem estudante, ainda sem emprego e afligido pelas perspectivas e receios de recém-casado. Para quem acha que chego a exagerar, deixo uma outra distração: em que outra obra Habermas nos brindou com algum trecho de romance? O jovem Wilhelm Meister, do romance de Goethe, aparece nessa tese, em um excurso que é também sobre mudanças na arquitetura e no planejamento das cidades. Werner, o amigo de Meister, preferirá deixar a grande mansão dos pais para morar em um *flat* no centro da cidade, perto dos *points* onde se *formavam* o cidadão e a opinião pública.

2. Notas sobre a história do jornalismo em outros contextos

Diante de uma obra influente como *Mudança estrutural da esfera pública*, uma reação comum é a análise dos supostos efeitos dela e da sua recepção também fora do contexto original, a Europa capitalista desenvolvida em meados do século XX. Na periferia, corremos o risco do complexo de colonizados, encarregados de divulgar e repercutir teorias vindas da Europa – e geralmente eurocêntricas. Uma solução intermediária seria perguntar, então, o que é que se pesquisava e escrevia no Brasil, por volta de 1960. Isso pode confirmar a velha desconfiança de nosso atraso cultural, mas pode também revelar que no Brasil crescia o movimento de contracultura e de politização que nos levaria ao embate entre a militância comunista e a repressão da ditadura militar, ao passo que na Alemanha, o processo político da redemocratização tirava proveito do milagre econômico e da doutrina constitucionalista.

Ora, podemos também, com mais proveito, nos perguntar, por exemplo, para variar: como era o cenário social e político do Brasil desde o início do século XIX, inclusive o papel da imprensa e da opinião pública? Poderemos constatar que tínhamos não só imprensa e público leitor, como também reflexão a respeito da importância da informação e do debate para a vida política.

Diferentemente da Europa estudada por Habermas, não adianta recuarmos ao Brasil do século XVIII, ou a anos anteriores, pois só com a vinda da Família Real para a colônia de então, em 1808, passamos a ter imprensa, biblioteca e literatura. Essa parece uma tese óbvia, mas assume motivação marxista na interpretação de Antonio Cândido, que busca a base material que permitiria o surgimento da literatura no país, com a implantação da indústria gráfica, a criação de bibliotecas e, sobretudo, a formação de um público leitor (BORGES, 2006).

Excelente sobre isso é o livro de Patrícia Pina (2002), sobre literatura e jornalismo no Brasil do século XIX. A autora mostra como funcionava a relação entre o jornal, o leitor e a literatura folhetinesca, com novelas publicadas em capítulos. A estratégia das cartas à redação e das crônicas, que visavam seduzir e cativar leitores e assinantes, bem como a inserção de anúncios de produtos e

remédios, permite-nos falar também de um “espaço” gráfico para publicação, cobrado por centímetro quadrado de papel. Machado de Assis é um dos melhores exemplos de combinação da melhor literatura com o jornalismo consciente de seu papel, inclusive pedagógico, para criar um público leitor em uma sociedade capaz de formar a opinião e o gosto. Todavia, a tese de Habermas não pode ser simplesmente transposta para o Brasil daquela época. Pelo contrário, Patrícia Pina defende que em nosso caso, a “mudança estrutural” não foi a passagem dos salões burgueses para o jornal impresso; aqui devíamos contar com a figura do indivíduo alfabetizado que lia diante dos demais, incapazes de fazê-lo. Estávamos a meio caminho entre as tradições orais e a escrita, impressa e distribuída com regularidade. Isso certamente implicava em um outro tipo de sociabilidade e de vida política. Mas é bom lembrarmos também que a Alemanha também estava bastante atrasada intelectual e politicamente, em relação à França e à Inglaterra, no século XVIII. E, a propósito, saiu em 1811 a primeira edição da coletânea de histórias infantis reunidas pelos irmãos Grimm, um marco no desenvolvimento da língua escrita alemã.^v

Bem antes da república, um jornal inovava ao contrapor-se à literatura que fazia a pura apologia do império. Hipólito da Costa publicava em Londres seu influente jornal *Correio Brasiliense*, que já no primeiro número declarou: “o primeiro dever do homem em sociedade é ser útil aos homens dela”. Assumiu de tal maneira a bandeira da Independência que seu jornal funcionou mensalmente, desde 1808 até exatamente 1822, quando viu contemplada sua campanha. Sua militância na imprensa sinalizava a gestação da literatura vinculada à coisa pública (BORGES, 2006, cap. 4).

Para não cairmos na compilação sem fim, encerraremos esta seção com uma problematização de *Mudança estrutural da esfera pública*, sob a convicção de que Habermas idealiza em demasia o papel da imprensa na formação da opinião pública. Há nele, certamente, um alto grau de “boa vontade”, com postura tipicamente liberal. Ora, o jornalismo de opinião pode ser e de fato foi também utilizado como trincheira de idéias conservadoras e reacionárias.

Veja-se, por exemplo, a tese de Tiago Adão Lara (1988), que se dedicou a jornais de Recife, no início do século XIX. Diversos jornais de curta duração anunciavam teses e doutrinas conservadoras ligadas à intelectualidade católica. E é surpreendente o impacto de campanhas movidas através dessa imprensa, de leitura direcionada e restritiva, que em meados do século XIX, às vésperas da proclamação da república, mantinha a defesa de privilégios em uma configuração política que não separava igreja católica e governo imperial. A mentalidade era aí tão atrasada que não se admitia a idéia do direito universal ao voto e nem mesmo a noção de contrato social.

3. Apropriação atual do conceito esfera pública em outras áreas

Vejam agora quatro exemplos de emprego desse conceito, três dos quais na área da arquitetura. O livro *Mídia, esfera pública e identidades coletivas* (MAIA, 2006) reuniu contribuições de um colóquio internacional, com título idêntico, realizado em 2003 na UFMG. Na primeira parte, dedicada ao conceito de esfera pública, o baiano Wilson Gomes começa seu texto com um poema do conterrâneo Gregório de Matos e Guerra, que opõe “*cabana, vinha, cozinha*” a “*praça e terreiro.*” Depois cita trechos de Machado de Assis sobre semelhantes distinções no ambiente da corte, no Rio de Janeiro, e com isso introduz a conversa sobre a conveniência de “publicar” segredos. “E aqui a Prússia encontra o Brasil colonial, pois se trata exatamente daquilo que Kant chamou de *Öffentlichkeit*” (MAIA, 2006, p.51), afirma Gomes, para só então passar a discutir os meandros da adoção e da tradução desse termo. O colóquio foi realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, em conjunto com professores dos departamentos de Ciência Política e de Psicologia.^{vi} Antes de prosseguirmos, no campo da arquitetura, convém ressaltar o caráter filosófico – ou o interesse filosófico – da discussão sobre esfera pública, por mais que o assunto migre para outras áreas. Embora este nosso artigo possa encaixar-se em uma versão fraca da história das idéias, sabemos que o esforço

interdisciplinar de Habermas tinha sempre a filosofia como fio condutor e ponto de chegada, inclusive na versão normativamente configurada com a teoria discursiva do Estado democrático. E, embora outros profissionais possam operacionalizar e adaptar conceitos oriundos da filosofia, convém-nos sempre lembrar que Habermas não pretendia apenas descrever fenômenos sociolinguísticos; ele demarcou o que era tarefa da pesquisa empírica, mas, a um certo ponto de sua tarefa de compilação de resultados, como, por exemplo, em torno dos atos de fala, ele diz que *foi necessário retomar a reflexão*. E isso significava reassumir a orientação filosófica. E, de novo, teria que tomar uma decisão, ao adotar a postura normativa de defesa da democracia. Apesar de diversas críticas endereçadas à tese de Habermas, publicada há 50 anos, inclusive as observações que fizemos acima, sobressai-se o valor daquele modelo reconstruído na história da sociedade ocidental, nos últimos trezentos anos, e que fundamenta a mais bem sucedida e legítima forma de governo, sob a configuração de Estado democrático de direito. Diante de pequenos atritos e ajustes, como a cobrança das feministas e de intelectuais da periferia, sobrevive e reforça-se, mediante a constante reconstrução e o debate, o conceito mesmo de esfera pública, que vai paulatinamente agregando adjetivos até chegar à *esfera pública política*, por exemplo, na transformada dinâmica de uma política deliberativa.

No campo da bibliografia na arquitetura, podemos considerar exemplos, novamente escolhidos ao acaso, mas que representam as duas possibilidades: sem Habermas e com Habermas. O livro de Colchete Filho (2008), sobre uma praça no Rio de Janeiro, não problematiza essa noção e nem cita Habermas; “espaço público” é o espaço livre, não construído. As referências teóricas vêm dos debates sobre cultura, inclusive Calvino e S. Hall, sobre as cidades. O autor parece avesso ao uso político dos equipamentos e da “imaginária urbana”, através do *marketing* da revitalização, por exemplo, embora esteja sempre atento às transformações históricas dessa praça, por mais de três séculos, que deve buscar sempre uma interação com a população, considerada enquanto usuários e transeuntes.^{vii}

Por fim, em nosso último exemplo, Habermas aparece em destaque. A coletânea organizada por Lilian Fessler Vaz e colegas já se explica pelo subtítulo – *Os espaços públicos nas políticas urbanas: estudos sobre o Rio de Janeiro e Berlim*.^{viii} O livro é a segunda publicação que resulta de debates entre pesquisadores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ e da Bauhaus Universität, de Weimar.^{ix} Neste caso – e certamente não só por causa de alguma bolsa de estudos na Alemanha –, o conceito “espaço público” anunciado no título vai, de fato, incluir algo mais que a visão corrente na arquitetura. O capítulo introdutório pondera que “a expressão seja utilizada para designar espaços livres, sem edificação, com acesso público, tais como ruas, praças, largos, parques, etc.” e que esse conceito é utilizado em diversos textos de maneira tão natural, como se o seu significado fosse tão óbvio quanto “o significado de elementos construtivos como parede, telhado, janela e porta”. No livro predomina a abordagem urbanística, que tende para o espaço “físico”, todavia, a “dimensão política dos espaços públicos é realçada por eles estarem inseridos nas políticas urbanas vigentes”.^x

4. Defesa de espaço físico para a esfera pública

A esfera pública é a publicidade, no sentido que se opõe à privacidade (e mesmo à intimidade); é, literalmente em alemão, a “abertura”, um pouco na acepção popperiana e liberal de “sociedade aberta”. O mundo da vida^{xi} alimenta, sobretudo a convivência “em aberto”, que se contrapõe ao segredo – condição perigosa e suspeita das seitas e dos grupos inclinados à conspiração e ao golpismo. A concepção de política que mobiliza sociedades desenvolvidas depende cada vez mais de processos que lhe garantam legitimidade e de instituições e mecanismos que exibam o debate, no jogo do poder que se quer transparente. A constante redefinição teórica dessa “publicidade”, em modelos formais para sociedades complexas, é necessária, mas corre o risco de se perder em modelos ideais e

distanciados dos embates na base da sociedade civil, em disputa contra o sistema, pois com a institucionalização oscila-se mais para o campo do direito positivado e atua-se menos no âmbito da moral.

Os colegas Negt e Kluge (1972) escreveram extenso livro, para cuidar também da *esfera pública proletária*, que Habermas deixara fora de sua tese, de 1961. Sem retomar o contraponto, e dando por encerrada uma querela que já se insinuou em outros ambientes, passemos à defesa não só da democracia, como faz Habermas, mas dos espaços físicos. Em outro texto, Oskar Negt (1984) listou os espaços em que os trabalhadores se encontram para falar de suas experiências e organizar sua ação. A escola, assim como a igreja, a praça, o sindicato – e a greve, inclusive – são espaços de uma esfera pública proletária que, certamente, pode reconciliar-se na obra do Habermas maduro; agora trata-se da esfera pública, *tout court*, que não se restringe a cena original da esfera pública burguesa. Todavia, sem negligenciar a luta de classes, Negt vai além em sua crítica radical e restabelece o sentido da dialética, ausente nas reconstruções sociológicas de Habermas. Em outras épocas, como projeto de pesquisa, já nos envolvêramos com a hipótese de uma “dialética do espaço”, pelo menos para variar ante a predominante concepção de dialética como movimento entre “o antes, o agora e o depois”. Com Negt, a solução vem rapidamente, em um corte impressionante. Negt pergunta e responde: em que consiste a dialética do espaço? A cada avanço dos proletários na construção de seu espaço público corresponde um *ataque destrutivo da burguesia*.

Gostaria de encerrar estas considerações, indicando o trabalho de “intervenção urbana”, de realização coletiva e editado por um filósofo brasileiro, Nelson Brissac Peixoto (2002). O volumoso livro para o qual Peixoto escreveu um prefácio tem a metrópole de São Paulo como referência e sintoma. Nos anos setenta e oitenta, artistas e arquitetos como Robert Smithson e Gordon Matta-Clark realizaram obras de grande impacto – como o *Spiral Jetty* e os edifícios cortados, respectivamente. Visavam criticar a especulação imobiliária e a transformação de obras de arte em mercadoria, para

investimentos. Brissac Peixoto observa que esses artistas tiveram seguidores e promoveram o debate num primeiro momento, mas depois, a geração seguinte teria sido cooptada pelo capital, inclusive através do Estado, por meio de financiamento de artistas e eventos, com a gradativa “colonização” de um forte potencial de protesto e de reflexão sobre o espaço público urbano.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, T. W. & Max HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento*; trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BORGES, Bento I. *Ensaio filosóficos e peripécias do gênero*. Caxias do Sul: Educs, 2006
- BORGES, Bento I. Ethos e estado moderno no último Habermas. *Educação e Filosofia*, v. 12, n. 23, 1998. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/issue/view/85>
- CARVALHO, Carlos H. *República e imprensa: as influências do positivismo na concepção de educação do Professor Honório Guimarães*. Uberlândia: EDUFU, 2004.
- COLCHETE FILHO, Antonio. *Praça XV: projetos do espaço público*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- COUTY, Louis. *O Brasil em 1884: esboços sociológicos*. Brasília/Rio de Janeiro: Senado Federal/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984 (Publicado originalmente em francês, no Rio de Janeiro, por Faro & Lino, em 1884)
- FREITAG, B. Habermas X Sloterdijk: uma controvérsia. *Revista Tempo Brasileiro*, n.º181/182, 2010, Rio de Janeiro, p. 13-26
- GOODIN, Robert E. & Philip PETTIT. *Contemporary political philosophy: an anthology*. 2 ed. Blackwell, 2008.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Trad. de Flavio Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984 [Original.: *Strukturwandel der Öffentlichkeit: Untersuchungen*

- zu einer Kategorie der bürgerlicher Gesellschaft. Neuwied-Berlin: Luchterhand, 1962]
- _____, *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Trad. de Flávio B. Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, 2 vol.
- HORSTER, Detlef. *Jürgen Habermas zur Einführung*. Hamburg: Junius, 1999
- LARA, Tiago Adão. *Tradicionalismo católico em Pernambuco*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1988.
- LUBENOW, Jorge A. *A categoria de esfera pública em Jürgen Habermas: para uma reconstrução da autocrítica*. João Pessoa: Editora Manufatura, 2012.
- MAIA, Rousiley & Maria C. P. S. Castro (org.) *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006
- NEGT, Oskar & Alexander KLUGE. *Öffentlichkeit und Erfahrung: zur Organisationsanalyse von bürgerlicher und proletarischer Öffentlichkeit*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972.
- NEGT, Oskar. *Dialética e história: crise e renovação do marxismo*. Trad. de Ernildo Stein. Porto Alegre: Movimento/Instituto Goethe, 1984.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. *Arte/Cidade - Intervenções Urbanas*. São Paulo: Ed. SENAC, 2002. v.1.
- PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Literatura e jornalismo no oitocentos brasileiro*. Ilhéus: Editus, 2002.
- VAZ, Lilian F. et al. *Os espaços públicos nas políticas urbanas: estudos sobre o Rio de Janeiro e Berlim*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- VIVEIROS FILHO, Francisco F. de. *Urbanidade do sobrado: um estudo sobre a arquitetura do sobrado de São Luis*. São Paulo: Hucitec, 2006.

Notas

ⁱ A obra, inicialmente editada por Hermann Luchterhand, está desde 1990 com a editora Suhrkamp, de Frankfurt, que publica quase todas as obras de Habermas.

ⁱⁱ Cf., por exemplo, dissertação recentemente defendida por Joedson de Santana Oliveira, na UFPI.

ⁱⁱⁱ Por exemplo, a teoria do conhecimento, de orientação kantiana, em *Conhecimento e interesse*, de 1968.

^{iv} Considero hoje completamente secundária essa crítica, que aproveitei em minha tese de doutorado, publicada como *Crítica e teorias da crise* (Edipucrs, 2006), p. 350.

^v Cf. Também o livro de COUTY (1984), sobre o cenário político e social no Brasil de 1884, e o livro de CARVALHO (2004), sobre as pesquisas que relacionam imprensa e história da educação no Brasil.

^{vi} Essa coletânea, sobretudo com os capítulos sobre identidades coletivas e redes sociais, auxiliou-nos no encaminhamento da resposta à pergunta lançada em um projeto de mestrado em *filosofia*: estaríamos passando atualmente por uma segunda mudança estrutural na esfera pública? Cf. dissertação de Sandra Olades Martins, defendida em 2009, na UFU. Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=169713

^{vii} Cf. também o excelente estudo de VIVEIROS FILHO (2006) a respeito dos sobrados maranhenses.

^{viii} VAZ, Lilian F. *et al. Os espaços públicos nas políticas urbanas: estudos sobre o Rio de Janeiro e Berlim*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

^{ix} Neste caso, são comparados bairros habitacionais populares recém-construídos nas duas metrópoles. Mas é bom lembrar que entre Recife e Berlim já havia uma forte ligação desde o governo de Maurício de Nassau, conforme estudos de Hans Haufe, publicados na revista Humboldt. Por exemplo, cf. <http://www.goethe.de/wis/bib/prj/hmb/pri/arc/es183273.htm>

^x VAZ, Lilian F. *et al. Os espaços públicos nas políticas urbanas: estudos sobre o Rio de Janeiro e Berlim*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, p. 8-10.

Durante o desenvolvimento da categoria “esfera pública”, creio podermos afirmar que Habermas oscilou entre a definição mais propriamente filosófica e a demarcação política, com os conceitos “mundo da vida” e “sociedade civil”, respectivamente. Há uma imbricação que extrapola a mera opção entre rubricas acadêmicas, sem negá-las. Orientei uma dissertação, defendida na UFU, em 2009, que contribui para a compreensão de “*Lebenswelt*”, que deve ser pressuposto e protegido. Cf. ALMEIDA, Paulo R. A. de, *O uso da razão comunicativa na esfera pública segundo o pensamento de Jürgen Habermas*. Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=169712

